ANO 1.º — LISBOA — QUARTA-FEIRA, 28 DE SETEMBRO DE 1921 — N.º 150

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 10 CENTAVOS

Secretario da redacção: ALVARO DE ANDRADE

Director, proprietario e editor
JOAQUIM MANSO

Redacção, Administração e Oficinas
RUA DO MUNDO, 116, 1.
Telefone 487 (C.) — Endereço telegrafico Diboa

UM modesto actor parisiense, que sofre horrivelmente de falta de dinheiro, encontrando há tempos uma colega ilustre, tão boa artista como pessoa de bom coração, pediu-lhe emprestada certa quantia assaz importante.

Prontamente atendido, prometeu pagar no dia seguinte, sem falta nenhuma...

Mas muito tempo se passou sem que a actriz fôse reembolsada do empréstimo e sem que o devedor que constantemente a via no teatro, lhe voltasse a falar no assunto. Há dias, deliberou a comediante, que não queria passar por lôrpa, abordar o colega:

—Diga-me uma coisa: já se não lembra daquele pedido que me fez?...

E o actor sem-vintem, esboçando o mais galante dos sorrisos, respondeu:

—Quando me é dada a ventura de a contemplar, esqueço-me de tudo...

* * *

O SR. ministro dos Estrangeiros está já preparando as suas malas para a próxima viagem a Bruxelas como delegado á conferencia inter-parlamentar de comercio, que se realiza a 14 de Outubro. O sr. Melo Barreto vencerá diáriamente dez libras-ouro, e um dos seus secretários que o acompanhará, receberá seis libras.

* * *

DESDE o dia 1 de Outubro o nosso presado colega *A Manhã* passará a vender-se avulso ao preço de dez centavos. E' mais um jornal que reconhece, depois de ter lutado muito tempo, a impossibilidade de manter o preço de cinco centavos, emquanto o papel fôr vendido pelo preço actual.

* * *

PESSOA bem informada, diz-nos que os T. M. E. gastam, só em telegramas, uma média de 3 contos por dia, ou sejam 1:000 contos por ano. O nosso informador, ainda nos garantiu que a maioria desses telegramas, tratam verdadeiras futilidades.

* * *

NO ano de 1919-1920 Angola recebeu da metropole e outras colonias, para sustento de degredados e vadios, 40 contos, gastando, porêm, 500 contos com êles.

O alto comissario resolveu cortar o mal pela raiz — expungindo do orçamento qualquer receita com êste fim.

Parece que se pensa em utilizar a ilha de Fogo, em Cabo Verde, como degrêdo — o que representará uma verdadeira economia, visto que a fome, que anda por todo o arquipelago, e o fogo, que se concentra na dita ilha, devem auxiliar muito a regeneração, a preços modicos, do criminoso.

* * *

CERCA do meio-dia, um agente da policia de segurança deu voz de prisão na redacção da *Monarquia*, ao sr. António Rodrigues Mendonça, editor daquele jornal, que foi conduzido para a esquadra das Mónicas, onde ficou incomunicavel. Segundo declaração do guarda captor, a diligencia policial foi motivada por um artigo ontem publicado.

ESPIRITO DE REBELIÃO

Nós, por muito que se afirme o contrário, somos certamente dos povos atingidos pela crise que a guerra desencadeou um dos que rapidamente se podem levantar.

Formamos um país de recursos inaproveitados, o que não se dá com outros, cujo solo e sub-solo se encontram bastante exaustos.

Podemos, como ninguem, constituir um sistema economico com as nossas colonias, principalmente com Angola, dispensando, caso se tornasse necessario, o recurso constante aos mercados externos.

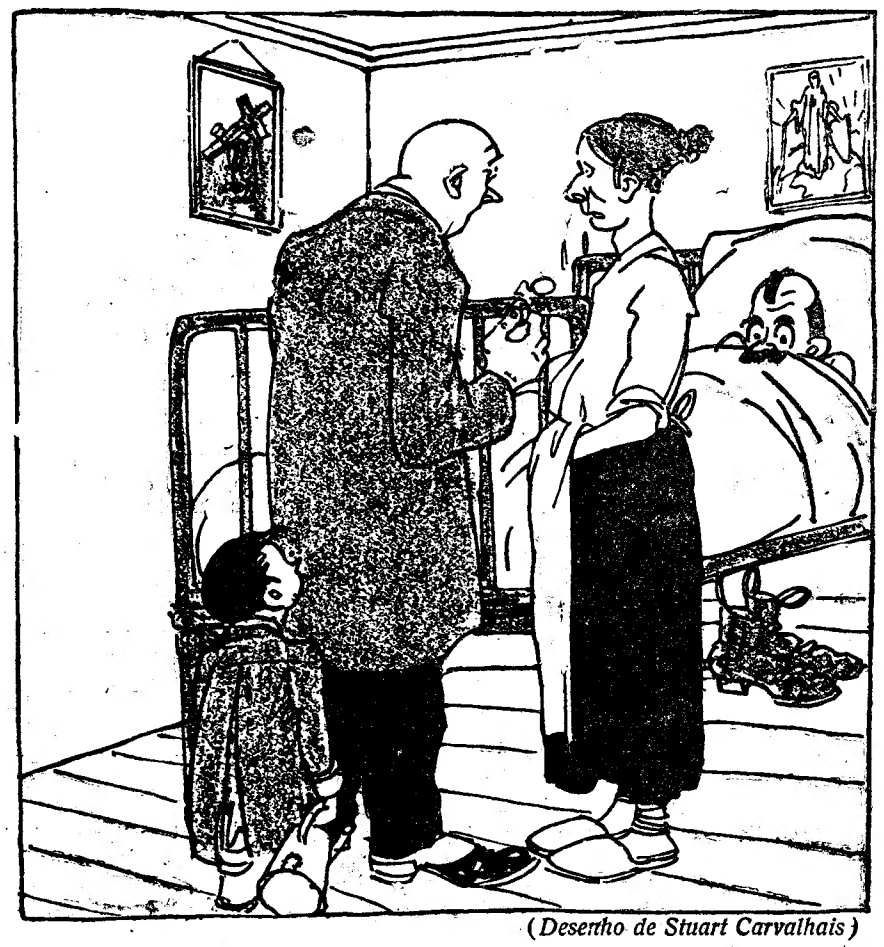
Acresce ainda que a nossa situação economica e financeira não está em harmonia com os nossos abundantes meios de vida, mesmo no momento presente, visto que é um terrivel artificio alimentado pelo exagerado mercantilismo, que nos ultimos anos se desenvolveu entre nós, pela preguiça dos que, tendo braços para trabalhar, se empregam improdutivamente na organização de brilhantes planos salvadores, pela incompetencia de tantos dos nossos estadistas e pelo fermento revolucionario que vive no seio da nossa sociedade, como um incendio num edificio que as chamas vão devorando impiedosas.

No dia em que os portugueses — governantes e governados, os de cima e os de baixo — se decidam a cumprir modestamente o seu dever, a nossa crise fica vencida. Não é necessario mais. Um dos escalrachos que muito e muito embaraçam esta solução tão simples é o espirito de rebelião que nos domina e encrespa a todos. Até os conservadores se aquecem ao seu fogo devorador. Em vez de, pelo trabalho disciplinado e pelo pensamento disciplinador, vencermos as dificuldades e problemas que nos atormentam, recorremos á violencia, como se esta pudesse ser remédio dos nossos males.

Bem sabemos que vivemos numa época em que os povos encontram um prazer felino em destruir, negar, contradizer a sua propria consciencia. Chegados ao fim de um mundo, cada qual trata de apressar a sua queda rápida. Entendamo-nos, porêm. Portugal, há um rôr de anos, que não se delicia com outro espectaculo. Ainda os outros se achavam em pleno repouso, já nós brigavamos como irmãos desavindos. A revolução é velha na nossa terra. Deixemos aos outros a loucura que nos cegou e obcecou. Deitemos fóra o excesso de sonho que nos perturba a visão normal das coisas e aproximemo-nos da realidade.

A revolução que tantos patriotas bem intencionados procuram lançar na rua, rugidora como uma procela, evita-se, depois de tudo apurado, se cada um de nós começar a trabalhar na tarefa em que as suas aptidões mais produzam.

PÃO DE 3.ª



(*Desenho de Stuart Carvalhais*)

—Não chore, como lhe deu pão de 2.ª talvez escape. Se lhe tem dado do de 3.ª é que era fatal!...

CLEMENCEAU não o morre de amores pelo marechal Foch, pagando-lhe êste na mesma moeda.

Segundo a legislação francesa em vigor, não se pode erigir uma estatua, sem um decreto que a autorize.

Em novembro de 1918, uma decisão do conselho de ministros proibiu que pudessem receber tal homenagem, os vivos, por muito ilustres que fossem.

Quem inspirou esta decisão?

Clemenceau, para contrariar os admiradores de Foch.

Num dêstes proximos dias devia inaugurar-se em Sainte-Hermine a estatua do «Père la Victoire».

Quem o poderia impedir?

A mesma decisão com que êle quiz ser desagradavel ao vencedor da grande guerra.

Um jornalista francês intitulou êste caso — Clemenceau contra Clemenceau.

* * *

MRS. WINTRINGHAM é a primeira inglesa que toma assento, na Camara dos Comuns; *lady* Astor pertence a uma familia americana e a condessa Markiewicz é uma irlandesa. Muitas senhoras portuguesas são absolutamente anti-sufragistas: não querem eleger nem ser eleitas. Estão no seu direito. Mrs. Wintringham, se vivesse em Portugal, não poderia desempenhar um papel politico, como no seu país. Dominaria no seu lar. Este, porêm, nem sempre satisfaz todas as ambições legitimas de uma mulher.

* * *

O «SECULO», sempre pronto á defesa do bem commum, começou a celebrar a feliz melhoria do cambio que êstes dias se esboçou. Desta vez não dá a perceber que se trata de uma obra sua. Já é modestia!

Mas ainda é melhor ajudar a subir o cambio, mas sem dizer nada, porque, quando o «Seculo» faz muito barulho, o nosso bem pouco dura.

* * *

A BORDO do «Africa» veiu para Lisboa o antigo major do exercito alemão sr. Müller, que foi chefe do estado maior de uma coluna alemã que operou em Africa contra as tropas portuguesas. O major Müller, depois de assinada a paz e regressando á vida civil, tinha-se instalado em Angola, onde o Alto Comissario entendeu que o subdito alemão não devia estar instalado, motivo por que regressa á sua terra.

* * *

UM ex-ministro, que no Parlamento se distingue pela sua combatividade e não menos pelo seu talento, dizia hoje no «Martinho», no decorrer de uma palestra suave:

—O governo está em vesperas de crise. E' indispensavel que lhe suceda um ministerio robusto, saido de todos os partidos e com programa minimo. O Parlamento deverá continuar encerrado até que sejam postas em prática medidas indispensaveis, que a politica dos Passos Perdidos não permite efectivar.

Notas Mundanas

Veraneios elegantes

FIGUEIRA DA FOZ, 25

Ontem, realizou-se, como estava anunciada, no elegante teatrinho do Grande Casino Peninsular, a recita de caridade em que tomaram parte alguns elementos do grupo da saudosa titular sr.ª condessa de Vinhó e Almedina, levada a efeito pelas sr.ªs D. Emilia Caldeira Bourbon Ferreira Pinto Basto e D. Carmo Santos.

Abriu o espectaculo por algumas palavras sobre a obra da saudosa titular sr.ª condessa de Vinhó e Almedina pela ilustre escritora e inspirada poetisa sr.ª D. Maria Madalena de Trigueiros Martel Patricio, repassadas de sentimento e saudade, que a selecta assistencia, que enchia totalmente a sala, aplaudiu com verdadeiro entusiasmo.

Seguiu-se a representação da linda peça em um acto original do brilhante escritor sr. Eduardo Schwalbach Lucci «Os quatro cantinhos», que a ilustre actriz D. Lucilia Simões ensaiou com toda a proficiencia, conseguindo com poucos ensaios que os distintos amadores que nela tomaram parte dessem todo o realce, sobretudo as sr.as D. Hebe Neto e Pereira Serzedelo de Ferreira Ribeiro, que o ano passado viramos pela primeira vez, em uma recita o teatro Politeama, na qual nos deixou optima impressão que ontem novamente confirmou e D. Maria Fernanda Isabel Correia Borges Pessoa, que mais uma vez evidenciou a grande vocação que tem para o teatro. Da parte masculina destacamos em primeiro logar o sr. Hugo Navarro de Andrade, que se revelou um belo actor comico, dando ao papel de "Mr. Robert" um grande colorido e Manuel da Fonseca Ribeiro e Sousa, que pela primeira vez vimos trabalhar, mas que soube imprimir ao papel de "Afonso Novais" a verdadeira feição que o seu autor idealisou. Os restantes interpretes, srs. Vasco Falcão e Fernando Eloi Borges Cardoso, concorreram para o harmonico conjunto; do primeiro temos a dizer que estava fora do seu genero, visto que não é um "galã", mas sim centro, o que fez com que não désse a esse personagem todo o realce, que o distinto amador costuma imprimir aos seus trabalhos.

No final do acto foram todos os distintissimos amadores muito aplaudidos, tendo tambem a notavel actriz D. Lucilia Simões a quem se deve o «tour de force», compartilhado dos aplausos.

Depois de um curto intervalo, o sr. Tito de Castelo Branco Arantes disse com fino espirito alguns versos da sua autoria, que o publico cobriu de aplausos ao terminar, seguindo-se um solo de violino pelo inexcedivel artista Francisco Benetó e uns solos de violoncelo pelo inegualavel musico João Passos, da sua autoria, sobre uns lindos sonetos de Manuel Alvelos, assim intitulados «Sella Vazia», «Ermida», «As mulinhas», que foram brilhantemente ditos pelo sr. Manuel da Fonseca Ribeiro e Sousa.

Terminou esta parte pelo numero de danças portuguesas.

Cantando os solos a sr.ª D. Maria Adelaide Amado de Vasconcelos e o sr. dr. D. João da Costa de Sousa de Macedo (Vila Franca), que mais uma vez tiveram ocasião de evidenciar as suas magnificas vozes de um timbre agradabilissimo.

Este numero, que estava muito bem marcado, deixou a mais bela impressão no auditorio, tendo a pedido bizado alguns dos numeros.

Fechou o espectaculo pela representação da engraçada opereta em um acto com musica do inspirado compositor sr. dr. Coutinho de Oliveira, que agradou extraordinariamente, sendo quasi todos os numeros de canto bisados.

No seu desempenho destacam-se em primeiro logar as sr.as D. Leonor Neetorio Sotero, que possuidora de uma bela voz cantou toda a sua parte com verdadeira arte e D. Maria Fernanda Isabel Correia Borges Pessa, que imprestou ao personagem toda a sua graça e vivacidade, sublinhando com espirito todos os «couplets», isto quanto á parte feminina. Na parte masculina ocupam o primeiro lugar pela maneira com cantaram e representaram os srs. Hugo Navarro de Andrade Belmarço e dr. João Eloy Pereira Enes Cardoso, que aos seus personagens deram larga á veia comica. Os restantes interpretes, srs. dr. Coutinho de Oliveira e D. João da Costa de Sousa de Macedo (Vila Franca), cantaram toda a inspirada partitura com verdadeira arte.

Antes de terminar estas linhas não posso deixar de frisar que o grande exito que obteve a engraçada opereta se deve na sua maior parte á magnifica ensenação do grande ensaiador e brilhante artista Armando de Vasconcelos, que mais uma vez teve ocasião de evidenciar profundos conhecimentos do «metier».

Na assistencia, que era numerosissima, via-se tudo que de melhor conta a nossa primeira sociedade actualmente veraneando nesta linda praia de Portugal, a qual, depois do espectaculo, se dirigiu para o salão nobre, onde se improvisou um baile.

Devido ao exito obtido e a varios pedidos, repete-se esta noite novamente o espectaculo, que constará da comedia «Os Quatro Cantinhos», das «Danças Portuguesas» e da opereta «No casal de Margarida».

O sr. conde de Vinhó, que assistiu entre bastidores á conferencia da sr.ª D. Maria Magdalena de Trigueiros Martel Patricio, sobre a obra de sua saudosa esposa, ofereceu á sr.ª D. Carmo Zuzarte Santos a quantia de 50$00 para os pobres.

Esta tarde realiza-se no campo de obstaculos do Pinhal a anunciada «Gimkana» de automoveis, organizada por uma comissão de senhoras e de distintos «sportsmen», a que ámanhã me referirei.

Para a semana que vem, está em preparação um grande baile e uma «verbena afeirada» ou uma «feira averbenada» em que toma parte grande numero de senhoras e rapazes da nossa primeira sociedade.

Até ámanhã.

D, Nuno

Em viagem

Regressou a Lisboa o sr. João da Silva Carvalho.

—Regressou a Cascais a sr.ª Margarida Bon de Sousa Rego da Mota Marques.

—Acompanhado de sua familia, chegou ao Monte Estoril o sr. Alberto de Oliveira.

—Deve chegar brevemente a Paris, ida do Funchal, a sr.ª D. Luiza Grande.

—Com sua familia, chegou das Caldas da Rainha o sr. conselheiro João Franco.

—Chegou a Sintra, com sua esposa, o sr. Antonio Carlos Simões.

—Regressou ao Porto o sr. Antonio Cortez.

—Encontra-se em Cascais o sr. Miguel de Sá Pais do Amaral (Anadia).

—Chegou a Lisboa, a bordo do vapor «Africa», o sr. Ladislau Batalha Junior, filho do erudito professor Ladislau Batalha.

CONTRIBUIÇÃO PREDIAL E INDUSTRIAL

Os contribuintes que desejarem o pagamento em prestações trimestrais devem declara-lo durante o corrente mês nas respectivas repartições de finanças dos concelhos ou bairros.

LEITURA PARA SENHORAS

A MODA EM PARIS

Continua sentindo-se ainda a influencia da grande guerra

Para vestidos e chapeus, tanto simples como «habillés», a moda parisiense decide

que o branco e o preto, misturados, são o que se póde trazer de mais elegante.

Será isto, ainda, influencia da guerra, que nos habituou ás côres de luto?

Vestidos de setim ou de veludo preto, com «fichus» de «tulle» e renda branca, constituem uma «toilette» correcta para jantar ou «soirée» e que serve para qualquer edade. Em todos os vestidos é fácil misturar o branco e preto, seja em dois tecidos, seja em guarnições.

Damos hoje um elegantissimo modelo de vestido (1), executado em «mousseline» branca e «mousseline» preta, fácil de fazer, simples e dum lindo efeito. As bandas, que caem junto do avental de largas riscas, podem ser «plissées».

Seguem-se dois modelos de vestidos para á noite, sendo o primeiro (2), de setim «ivoire«, muito amplo e bordado a pequeninas contas de cristal, em desenhos mais ou menos carregados, segundo o gôsto, subindo no corpo até meia altura, relativamente ao decote, e descendo, na sáia, até abaixo do joelho. O corpo, deve ser, no decote levemente avivado de veludo ou setim preto, e sustido por fitinhas pretas nos hombros. Meias de tom egual ao do vestido e sapatos de setim preto.

O segundo modelo (3), é de «crêpe de Chine» branco, bordado a pérolas pretas e guarnecido de grandes rosas, tambem de «crêpe de Chine», egual ao vestido. As rosas cercam toda a borda da sáia e a completar a guarnição dessas rosas sóbem pela sáia os bordados de pérolas. No decote vêem-se os mesmos bordados e no cinto duas grandes rosas. As pontas do cinto podem ser pretas.

As sáias são ainda curtas, mas com menos exagero.

Para concluir, damos, segundo o nosso costume, o desenho dum chapeu — um grande chapeu de veludo preto, encantador, sobretudo numa cabeça loura. Este chapeu é enfeitado de dois enormes «pavots», tambem de veludo preto, que lhe dão uma linha de graça e de elegancia que não o deixará confundir com um chapeu vulgar. E' necessário, porém, que esses «pavots» sejam bem executados e bem

colocados. Deve-se, pois, confiar a execução deste chapeu a uma boa modista.

Ginette.

(Croquis de Chérianne).

COLEGIO CALIPOLENSE

Rua Eduardo Coelho, 108 — Lisboa (á Praça do Rio de Janeiro) Telefone C. 4:199

Este antigo colegio recebe alunos internos, semi-internos e externos, a partir dos 6 anos de idade, aos quais dá uma completa e esmerada educação infantil. Ministra ***Instrução Primaria, Curso Comercial*** completo, ***Curso dos Liceus,*** conforme os programas oficiais, e ***Curso de Explicações*** para os alunos matriculados no liceu. Todas as aulas reabrem no dia 10 de outubro.

O director e proprietario

FERNANDES AGUDO.

MAGAZINE

Charlot

Charlot, o impagavel Charlot que toda a gente imaginava com um bigode ratão, com umas botas quais chalupas, com umas calças para trinta homens e com um casaco semelhante a um balandrau, veiu á Europa e a maior das surpresas que causou foi, sem duvida, a de provar que, em pessoa real, não tinha bigode e vestia pelos alfaiates de Londres.

Paris disputa-o, com a sua autoridade de *capital da civilização*, dizem alguns...

E, baseada no direito que esta afirmativa lhe confere, exige que Charlot volte da Alemanha para ali se demorar mais uns dias, para o levar a representar em carne e osso numa das suas principais plateias e para a vaidade e o prazer de lhe oferecer um jantar em companhia de todos os artistas.

Cegos de guerra

Há em França um instituto para cegos da guerra chamado *Maison des Aveugles*, o qual publica o *Bulletin de la Maison des Aveugles*. Neste encontramos noticias interessantissimas ácerca dos reeducados pelos metodos aperfeiçoadissimos que a guerra permitiu descobrir; reeducados a tal ponto, que naquele instituto fundado por oficiais tambem cegos é raro encontrar-se alguem com vista; nem a sua falta se faz sentir.

O *Bulletin* publica o numero de cegos que se casaram há dois meses; é de 14. Desde julho que as esposas dos cegos da guerra deram á luz 18 filhos, em igual proporção de rapazes e raparigas. Nota-se que predomina em suas casas grande bem-estar e que os seus recursos materiais vão aumentando progressivamente.

Não se dedicam apenas a afinar pianos, a fazer escovas e a empalhar cadeiras; empregam-se em trabalhos de malha á máquina, são dactilografos e ocupam-se em outros variadissimos trabalhos.

Alguns entregam-se aos estudos superiores e têm-se formado em letras e em direito. O ultimo de que fala o *Bulletin* defendeu brilhantemente a sua tese de doutorado de matematicas na Universidade de Strasburgo.

Novidade americana

Acabamos de ver num jornal francês a história de um americano que, tendo sido ferreiro em S. Francisco, enriqueceu depois pelo processo americano *deus ex machina* da herança de alguns milhões.

Não sabendo que fazer ao dinheiro, este milionario mandou engastar em oito dos seus dentes da queixada superior, oito maravilhosos diamantes, de um tamanho, de um quilate e de uma agua admiraveis.

Assim, acontecia, que este antigo ferreiro, á falta de espirito, tinha uma bôca esplendorosa quando se ria.

Não diz a história se êle ria muitas vezes, mas manifesta um certo espanto por uma fantasia tão inedita!

Nós asseguramos que não é caso para tanto; ainda que as finanças dos portugueses não sejam comparaveis á dos americanos, nem sequer ás dos parisienses que se não julgam com posses para tanto, podemos dizer onda mora uma senhora que tem num dos seus dentes de oiro três brilhantes em linha vertical. Até era bastante conhecida por isso mesmo no antigo liceu de Maria Pia...

Laboratorios de Famaroia

Instituto Pasteur de Lisboa

Staphylina

Comprimidos de estanho chimicamente puro

Tratamento de todas as doenças devidas ao staphylococco:

Furunculose — Anthraz — Supurações antigas, etc.

FARMACIAS

LISBOA — Rua Nova do Almada, 88

PORTO — Rua dos Clerigos, 36

O DIARIO DE LISBOA vende-se, na Figueira da Foz, na tabacaria Malafaya.

A PROVINCIA E O CORREIO

A alegria de escrever cartas

Em que se recorda Desbordes e Verlaine
e os versos que as cartas lhes inspiraram

Quando estamos longe daqueles que nos são queridos, a maneira mais natural, mais ao nosso alcance para mitigar, consolar ou iludir a saudade é escrever e é, sobretudo— explicavel egoismo —escrever-lhes.

O carteiro, ese inconsciente e involuntário portador de alegrias e tristezas, de desilusões e de promessas, é tantas vezes esperado com anciedade!...

A vida da cidade, com as suas mil cadeias mundanas, com os seus dias mais ou menos diversos, com a variedade das suas impressões, torna menos sensivel a hora do correio, mas, na provincia, essa hora é importante e desejada; aguarda-se com impaciencia, com inquietação, com curiosidade. E' o correio que traz noticias não só dos que estão distantes, mas do mundo. E' pelo correio que vem o jornal que nos dá a novidade palpitante da politica e da sociedade e que chega a revista que publica o artigo ou o retrato que nos interessa; é pelo correio que se recebe a carta do namorado ou do filho que estuda na cidade, da amiga que se diverte nas praias ou nas termas, do marido que foi tratar de negócios. (?)

Na provincia quási não há meio termo: o correio, se não é o fio que nos prende, o unico agente do *inesperado* a quebrar uma monotonia, ás vezes insuportavel para um espirito vivo, deixa de existir, por assim dizer, de tal fórma uma rusticidade especial nos domina e adapta até quási perdermos o uso da escrita.

Para aqueles que já sofreram, a quem a vida prematuramente, ou longamente, magôa a sensibilidade, uma carta é quási sempre um objecto de desconfiança. Nunca se tem a certeza que essa carta não traga a palavra que oprime, a incompreensão que entristece, a noticia que aflige, o desprendimento que gela.

Uma carta póde ser banal ou profunda, afectuosa ou indiferente; póde ser longa e vazia, ou resumir, em meia duzia de linhas singelas, a revelação duma grande alma ou dum grande sentimento e até nas entrelinhas, que se adivinham, dizer muito, mas o sentido duma carta não depende só de quem a escreve, depende tambem de quem a lê. O pensamento e o coração transformam o que os olhos vão lendo. Nós mesmos é que damos a tudo o sentido que a nossa tristeza ou o nosso contentamento, que a nossa confiança ou a nossa inquietação lhe põe.

Há quem diga, não sei se com literatura se com sinceridade, que as cartas agravam as recordações e as saudades, tornando mais dolorosa a ausencia pelas imagens que avivam, pelos contrastes que estabelecem, pelas lembranças que despertam.

Afirma-o Marceline Desbordes-Valmore, nos célebres versos:

«N'écris pas! Je suis triste et je voudrais m'éteindre;
Les beaux étés, sans toi, c'est l'amour sans flambeau.
J'ai refermé mes bras qui peuvent t'atteindre;
A frapper à mon coeur, c'est fraper au tombeau.
N'écris pas!
.....
N'écris pas! Je te crains; j'ai peur de ma mémoire;
Elle a gardé ta voix qui m'appelle souvent.
Ne montre pas l'eau vive à qui ne peut la boire.
Une chère écriture est un portrait vivant.
N'écris pas!

E' curioso vêr a diversidade de opiniões e as inumeras modalidades de sentir que nos revelam aqueles que sob a fórma literária nos comunicam o seu pensamento.

Correia de Oliveira, um poeta tão verdadeiramente poeta, tão delicado, tão simples, tão comovente, que encontra uma maneira tão natural de dizer as coisas que os seus versos nos parecem sempre fáceis e singelos, fala assim de cartas:

Isto de se escrever o que se sente,
A quem põe em nossa alma um brando olhar,
Parece até que alarga o peito á gente...

Cito de memória, pois não tenho presente o *Alivio de tristes*, o livrinho encantador em que decorei estes versos.

Helena Vaccaresco, a poetisa romena, que se tornou célebre ainda mais pela sua paixão por um principe de que pelos seus versos cheios de inspiração e de ternura, diz-nos, referindo-se á visão especial duma letra querida, que tem para nós o aspecto unico, que mesmo sem a significação das palavras nos perturba e afaga:

Dans ta douce et fière nature
Tout me charme a du prix.
Aussi j'aime ton écriture
Autant que ce que tu m'écris.

Paul Verlaine, o grande poeta doentio, duma graça melancólica e desencantada, observa com maldosa ironia:

...Se temps que l'on perd à lire une missive
N'aura jamais valu la peine qu'on l'écrive

Há ainda, entre os atormentados pela ausencia, e que nas cartas procuram alivio e expansão, aqueles que não sabendo escrever têm de confiar a mão alheia os segredos ou os impulsos do seu coração.

Campoamor definiu-as bem na adoravel e conhecida poesia: *¡Quién supiera escribir!*

A namorada, anciosa e comovida, diz ao reitor, que lhe serve caridosamente de secretário:

¡Señor Rector, senor Rector! en vano
Me quereis complacer,
Si no encarnan los signos de la mano
Todo el sé de mi sér.

Escribidle, por Dios, que el alma mia
Ya eu mi no quiere estar;
Que la pena no me ahoga cada dia...
Porque puedo llorar.

Que es, de cuántos tormentos he sufrido,
La ausencia el más atroz;
Que es un perpetuo sueño de mi oído
El eco de su voz...

Que siendo por su causa, el alma mia
¡Goza tanto en sufrir!...
Dios mio ¡cuántas cosas le diria
Si supiera escribir!...

Seria interessante citar muito mais, escolhendo de tanto que têm dito sobre cartas os poetas portuguezes e estrangeiros, mas é impossivel fazê-lo num pequeno artigo de notas dispersas, ao sabôr da ocasião.

MARIA DE CARVALHO

MULHERES DE FRANÇA

Uma escritora que marcou

Delarne Mardrsus, prosadora e poetisa
alcançou já a mais merecida consagração

Entre a moderna geração de escritoras francesas o nome de Delarne Mardrus, poetisa e romancista, alcançou já a mais merecida consagração. E poucas vezes, num corpo fragil de mulher, brilhou tamanha chama de talento!

Se, como poetisa, encontra na condessa de Noailles, possivelmente em Rosemonde Gerard e noutras, temperamentos poeticos que se avantagem ao seu, como romancista nenhuma outra a iguala. No mais explorado dos generos literarios conseguiu impôr-se, empolgar, vencer; e não recorreu para isso ás bizarrias de forma de que nascem tantas reputações efemeras; não procurou esses problemas de morbida psicologia que reunem por vezes, em tôrno de um nome, clientelas barulhentas de *ratés*, condenados sem remissão á cinza do esquecimento, após uma furtiva notoriedade.

Há na arte, como na vida, principios de beleza que são fundamentais e eternos; — um deles é certamente a expontaneidade, a naturalidade. Renegá-lo, é fugir de nós proprios, crear pela abstracção do espirito uma atmosfera artificial, onde as flôres da nossa emoção brotam deturpadas, ganhando esquisitices de aspecto que prendem um momento o olhar, mas perdendo a frescura e o perfume, sem os quais nenhuma flôr tem encanto. E' por isso que os sonetos de Camões vivem na alma de todos nós, com o mesmo viço de há quatrocentos anos, ao passo que os malabarismos exagerados, os tortuosos acrobatismos de Gongora se converteram numa reminiscencia bolorenta, que só os eruditos conhecem...

Nos livros desta admiravel escritora é a vida que pulsa, que se revela, que tumultua. «L'Acharnée», por exemplo, é a tragedia empolgante de um entardecer de mulher, que luta, que se revolta, numa ansia de conservar intacto o que o tempo irremediavelmente nos leva. Há nesse livro tipos de um desenho perfeito, caracteres que em poucos traços se nos revelam todos. Sheridan, temperamento de musico precoce na arte como na sensibilidade, encarna o tipo do artista moço, torturado, quase feminino, e, tão perfeitamente o define, que, não há muito, o escolheu para nome de cartaz um principiante que se notabilizou depressa.

Outro romance seu, «Un Cancre», é de todos o que mais triunfalmente realiza uma modalidade muito caracteristica desta escritora. Apesar de viver em Paris, debruçada sobre o Sena das suas janelas altas do Quai Voltaire, e de andar integrada no rodopio absorvente do mundanismo, os seus romances não são, como era presumivel, transposições de casos que a cada instante devem deparar-se-lhe.

«Tourtoune et son amour», «La monnaie de singe», «Un Cancre», dão-nos admiravelmente estudos de almas infantis, não na sua convencional e ingenua insipidês, mas sim revelando-nos toda a extensão, que tantas vezes nos passa despercebida, das suas embrionarias emoções. A par disso, o amor pela terra, tão raro numa parisiense, leva Lucie Delarne Mardrus a fazer-nos jornadear, guiados pela sua pena sugestionadora, através da Normandia; essa Normandia prodigiosamente fertil, onde os campos se alongam em longas ondulações oceanicas, vagas de terra de uma tristeza vaga, onde a verdura, a um tempo luxuriante e fria, a um tempo sensual e calma, é na sua exuberancia sempre crescente uma maré que não conhece baixa-mar.

* * *

Lucie Delarne Mardrus é uma mulher magra, elegante, quase banal á primeira vista. O seu cabelo escuro, a sua pele branca, o seu sorriso levemente cansado, passariam talvez despercebidos se seu impressionante olhar, irradiando de uns olhos admiraveis, intensos, não a cobrisse toda de um nimbo de atracção e de encanto.

Quando, tomando de cima de um divan uma pele de leopardo, se envolve nela e esboça uns passos de dansa, ao ritmo imaginario de melopeias orientais; — quando, cansada de estampar vidas em folhas de papel, pega nos pinceis e na paleta para as reproduzir em tela; — — quando, sequiosa de novas harmonias, pede ao violino que lhe diga em surdina confidencias de Scarlatti; — quando, encruzada sobre um coxim, nasaliza a sua linda voz para entoar canticos amorosos da Algeria, levando nostalgias ardentes do Deserto aos corações que a escutam de sob os setins coleantes do Redfern; — e ainda quando, na meia voz de uma conversa, côa pelos labios vermelhos o fumo de uma cigarrilha, fumo esbranquiçado e scismador, fumo em que arde o perfume dela, é o seu olhar que põe traços de magia em cada um dos seus gestos. Fixo ao longe, quando ela dansa, como o de uma bailadeira desterrada, é êle que ensina aos seus passos o segrêdo brahamanico dos ritmos. Curioso, insistente, quando ela pinta, são as suas pestanas longas que reflectem expressões e criam atitudes. E' na sua expressão de alheamento que bebemos a harmonia das musicas que ela toca: é êle que, quando ela canta, melhor nos diz a liturgia amorosa das tribus nomadas; é êle que, seguindo-as, dá ás volutas lentas de fumo esbranquiçado, quando ela fuma, o misterio fascinador de uma via-lactea posta ao nosso alcance. Lucie Delarne Mardrus é mais do que uma linda mulher, é mais do que uma genial escritora. Lucie Delarne Mardrus é um infinito olhar.

Se se fixa na nudez de uma bailarina, a Dourga, Venus morena, que quase escandalizou Paris, tece-lhe este hino:

C'est si beau que cela devient chaste.

Se se alonga para alêm da vida, medindo bem como, ao muito que ambicionamos, correspondem pouco as realizações que atingimos, resume numa frase genial a dôr que nos tortura a todos:

—*Les plus beaux poèmes sont ceux qu'ón a le courage de ne pas écrire.*

THOMAZ RIBEIRO COLAÇO

Instituto Comercial Pereira de Sousa

Fundado em 1899 — Rua Nova do Almada, 53

Abertura de matricula para antigos e novos alunos

AULAS DIURNAS E NOCTURNAS

Neste antigo e acreditado Instituto, onde o método de ensino é tudo quanto ha de mais instrutivo, prático e rapido e onde o numero de alunos é limitado, está aberta desde 26 de Setembro a matricula para as restantes vagas que falta preencher.

Lições individuais, **classes especiais de habilitação rapida para guarda-livros e classes gerais dos 10 cursos profissionais para ambos os sexos.**

Abertura das aulas, em 1 de Outubro de 1921

Pedir programas, preços e condições

Não confundir este antigo e bem conceituado Instituto com outras escolas com o mesmo titulo ou apelido

JOSÉ AUGUSTO DIAS, F.º & C.ª

BANQUEIROS

Agencia de Lisboa

Mudam as suas instalações em 30 do corrente para a

Rua Augusta, 89 a 95

"DIARIO DE LISBOA"

Vende-se na linha de Cascais, nas estações de Parede e Estoril.

A CIDADE

CHÁ DAS CINCO

O pequeno Rockfeller

Houve um poeta americano que uma vez fez um poema sobre as crianças. Dizia delas que eram mais belas que todas as baladas que se escreveram ou cantaram, pois são poemas vivos, quando os outros todos são sonhos.

Mas isso era doutros tempos; neste tempo de horrivel materialismo sordido, em que os homens só falam de negocios mais ou menos compativeis com a dignidade e a honradez, mais ou menos dependentes da vaidade ou da parvoice humana, em que as mulheres, com uma vista de olhos, contam quantos contos de réis as elegantes trazem sobre as costas, nos pés e na cabeça, o que mais impressiona é o materialismo das crianças, porque um dos maiores encantos das crianças é não saber o valor da realidade, muito menos o valor do dinheiro.

«Quanto custou?» «Quanto vale?» São frases que numa bôca infantil entristecem, como entristece ver a neve das ruas, que de madrugada eram imaculadas, a derreter-se, misturando-se com a lama.

Por isso, me alegrou a alma uma anecdota que há pouco vi, num jornal estrangeiro.

O milionario americano Rockfeller educa o seu filho com a maior simplicidade numa quinta longe do materialismo da cidade, sem o luxo que traz comsigo o muito dinheiro, e na ignorancia de vir um dia a ter uma das grandes fortunas do mundo.

E um dia, o pequeno Rockfeller estava a brincar com uns seus amigos á borda de um lago e a fazer barquinhos de caixas de charutos com velas feitas de trapos, quando um dos pequenos que com êle brincava lhe preguntou porque é que êle não pedia a seu pai que lhe comprasse um barquinho a gazolina, como tinham outros meninos ricos. — Eu! responde o futuro milionario, cujo pai podia comprar o proprio Van der Bilt, então vocês imaginam que o Van der Bilt é meu pai!

MARIA SOFIA SANTO THIRSO

RAUL MARTINS

Está em Lisboa o sr. Raul Martins, nosso presado e distinto camarada de O Comercio do Porto».

O DIARIO DE LISBOA vende-se em todos os quiosques e tabacarias.

RUA DO AMPARO

A SAPATARIA MAIS ECONOMICA DE LISBOA

TELEF. C. 3541

OS NAUTAS DO AR

A aviação

No campo de Alverca existe uma pista internacional de aeronautica

Já se constroem em Portugal aparelhos de aviação

O "Diario de Lisboa" entrevista o major sr. Ribeiro de Almeida

Esta entrevista tem por assunto a aviação. em Portugal. Há quem a olhe com um sorriso irónico, como uma maravilha de Julio Verne. Mas não é assim.

Trabalham durante todo o dia estaleiros em naves aereas, daquelas naves, glória d'Annunzio, que ámanhã serão o veiculo alado e triunfal dos nossos aviadores; já se fazem hélices; pensa-se no motor...

—E' o mais dificil, sabe?—diz-nos o sr. Ribeiro de Almeida, engenheiro-aeronauta e director do Parque de Aeronáutica Militar—Alverca.

Prosseguiu:

—Aquela hélice que está em exposição numa loja do Rocio foi confeccionada lá. A mão de obra é toda nossa. Há uma questão: madeiras. Podemos aproveitar a nossa nogueira, que é magnifica, para a construção de aeroplanos.

—O Parque...

—Tem dois fins: o primeiro, construir e reparar aeroplanos; o segundo, reparar e afinar motores. No Parque de Alverca podemos já, contando unicamente com os nossos recursos, construir aeroplanos. Já se vê que a materia prima tem que vir de fóra...

—Diga-nos: a construção sae mais barata?

—Mas muito barata.

—E porquê?

—Porque não vendemos ao Estado as peças dos aeroplanos com lucro. O que custam é o que ele paga.

—E os motores?

—E' impossivel, por emquanto, construí-los. Como sabe, ainda não está definitivamente assente a fórma do motor... Agora uza-se o de explosão, mas ámanhã?

A conversa decorria sem concatenação. O sr. Ribeiro de Almeida seguia como uma flecha para o ministerio da Marinha. As nossas interrogações cruzaravam-se, choviam. A entrevista estava em perigo. Já estávamos ao fundo da rua do Ouro.

—O Parque tem uma grande pista: a pista internacional...

—Isso é novo! O que é?

—Portugal assinou com a Inglaterra uma convenção para a construção em Portugal duma pista que servisse para aterragem de todos os aeroplanos. Já se está a construir, mas apenas para «aterrisages» diurnas...

—Diurnas?

—Sim. Não se podem fazer ainda «aterrissages» nocturnas.

Houve um «porquê». Era obrigatório.

—Oiça: todos os campos de aviação têm três zonas ficticias: uma por onde o aeroplano entra; outra, onde ele aterra, e ainda outra por onde sae. O avião, como sabe—como não sabiamos, diga-se em abono da verdade—tem que aterrar na direcção do vento, mas contra ele. Ora de noite, isso não se póde fazer, sem que haja no chão umas grandes placas luminosas em ligação com um catavento que, electricamente, faça notar ao piloto a orientação do vento.

—E' um pouco caro...

—E'. E a nossa verba não é lá muito grande...

—Quanto é que o Estado lhe dá?

—Ainda não está fixada a quantia.

«No entanto, o que lhe posso afirmar é que lhe devemos dispensar, num futuro próximo, quási totalmente, o auxilio do Estado...

—Como?

—Industrializando as oficinas.

—Em que industria?

—Na construção de motores de automoveis...

Estávamos já na Arcada. Rápidos, preguntámos:

—O que pensa da aviação civil?

—Concordo com ela. Compreende, porém, que o Estado, não a póde auxiliar sem primeiro desenvolver a sua aviação... De resto, é ainda muito cedo para isso.

—O Parque de Alverca está completo?

—Falta ainda muita coisa. O campo de aterragem, isto é, a pista internacional, tem 1 quilómetro de largo por 1 de comprimento. Uma parte já está construida... Adeus!

—Uma pregunta, para sintese: Podem-se fabricar, em Portugal, aeroplanos?

—Podem! Já começámos...

—E o motor?

—Mais tarde, mais tarde.

O problema financeiro colonial

O ministro das colonias procura equilibrar o orçamento

O sr. ministro das colonias está trabalhando activamente na solução do grave problema financeiro colonial, de molde não só a equilibrar os orçamentos das nossas provincias ultramarinas, como a criação de receitas, evitando assim, tanto quanto possivel, o desequilibrio financeiro porque actualmento está atravessando a maioria das nossas colonias.

LÈR ÁMANHÃ:

CARTA DE D. PEDRO IV AO REI DE FRANÇA, LUÍS XVIII

O IRMÃO DE D. MIGUEL IMPLORA A INTERVENÇÃO DA FRANÇA EM FAVOR DE PORTUGAL

CARVÃO

CARDIFF das minas do almirantado "Insol's Cymmer (Merthyr Smokeless")

A' DESCARGA

Portuguese Corporation of Commerce Ltd. { Lisboa — Cais do Sodré, 64, 2.º Telefs. C. 5092, 5093, 5094 Londres—56, Ludgate Hill

POLITICA MONARQUICA

INTEGRALISTAS E MANUELISTAS

PROCURA-SE RECONSTITUIR A UNIDADE DA CAUSA MONARQUICA?

Como é do conhecimento geral, a tentativa restauracionista de 1919 originou entre os partidarios do antigo regime o que a acção dos republicanos nunca obtivera: — o desaparecimento da sua unidade. Assim, após a derrota da regencia do Porto, os elementos integralistas, até então subordinados ao lugar-tenente do ex-rei, sr. Aires de Ornelas, resolveram, após uma ultima *démarche* junto de D. Manuel, constituir-se em corpo politico autonomo, que marcava uma divergencia absoluta com os processos de combate dos amigos da monarquia constitucional. Essa proposta é hoje uma realidade, tendo originado estas dissenções entre monarquicos o afastamento de muitos elementos que com elas se desgostaram. Quanto aos partidarios do ex-rei D. Manuel procuraram de novo congregar-se, de forma a tornar o seu valor politico mais eficiente e cobrir a brecha que a scisão integralista abriu na frente unica do monarquismo.

Esta é ainda a situação presente. Os manuelistas, formados a um lado, hostilizam vivamente os integralistas, que, unidos aos derradeiros sebastianistas do legitimismo, aclamaram pretendente ao trôno de Portugal o principe D. Duarte Nuno, filho mais novo do ex-pretendente D. Miguel II. As lutas entre as duas facções realistas têm tido publica repercussão. Ainda há poucas semanas os respectivos orgãos na imprensa se hostilizaram com vivacidade identica á que costumam desenvolver contra a Republica.

***

Pois chega-nos, agora, uma noticia, que, com as reservas necessarias, transmitimos aos nossos leitores, que promete uma modificação completa do estado presente da causa monarquica em Portugal, e que na frase seguinte se encerra: — o regresso a 1918. Pretende-se, efectivamente, reconstituir a unidade do partido monarquico. Elementos que adentro dele dispõem do maior prestigio, reconhecendo os inconvenientes que resultam da existencia de dois partidos, cada um com seu pretendente ao trôno, têm dispendido todos os esforços no sentido de terminar com esse estado de coisas. Assim, e ainda precedida de um *consta*, damos esta informação: terem-se realizado, tanto no país como em determinados pontos do estrangeiro, numerosas conferencias, que têm tido por objectivo concertar-se uma formula que permita a reunificação dos monarquicos. E que fórmula concertaram? — preguntarão. A êsse respeito, o que de positivo sabemos, é que os integralistas só se reconciliarão com os manuelistas se o senhor D. Manuel renunciar ao que chama os seus direitos á corôa portuguesa, a favor do principe D. Duarte Nuno, que assim se tornaria o unico pretendente á realeza derribada em 5 de Outubro. Os monarquicos constitucionais, claro, tambem pretendem uma compensação. E ela consistiria num certo comedimento por parte dos integralistas, que guardariam o seu programa até que, decorridos uns tantos anos de monarquia constitucional de transição, todos os monarquicos nele reconhecessem exiquibilidade.

TAXA MILITAR

Termina no dia 30, nos 1.º e 2.º bairros fiscais desta cidade, o pagamento voluntario da taxa militar do ano de 1920.

Ministro do comercio

O sr. ministro do Comércio antecipou a sua vinda a Lisboa, tendo chegado da Figueira da Foz no *rápido* desta tarde.

A CIDADE

O POMO DA DISCORDIA

QUEM É O AUTOR DO DOCUMENTO?

O SR. DR. ANTONIO GRANJO DECLARA QUE O NÃO CONHECIA

Em roda do assunto do documento, ontem publicado pelo nosso colega *A Imprensa da Manhã*, têm circulado, durante o dia de hoje, os mais desencontrados comentários e considerações.

Pretendem uns que o desmentido da presidencia do ministerio não é bastante suculento para convencer os politicos adversos ao governo de que este perfilhou o plano de defeza da cidade, tal qual veiu á publicidade. E' possivel.

O que podemos garantir, dando honras de letra redonda aos informes que nos forneceu alguem que lida de perto com individualidades da politica, é que o documento existe.

Existe e foi elaborado, segundo o nosso informador, pelo capitão sr. Miranda, membro da Cruzada Nun'Alvares Pereira.

Parece até que não é unico. Outro trabalho do mesmo género, que conseguiu escapar á retumbancia do réclamo dos jornaes, foi realizado e, não sabemos se apresentado, á apreciação do sr. Celestino de Almeida.

O sr. ministro das Colónias afirma ter visto o primeiro documento, ao mesmo tempo que declara não o ter assinado. E' certo que o capitão sr. Miranda, conferenciou frequentemente com o sr. Celestino de Almeida, nada transpirando, ao que nos dizem, dessas conferencias, nem mesmo no meio governamental.

Quanto ao sr. dr. António Granjo, folgamos saber que não nega a existencia do documento. O que afirma, com trasmontana energia, é que nem sequer o viu, e que não podia, portanto, tê-lo sancionado.

A partir do proximo dia 1 de outubro a administração do nosso jornal ficará instalada na rua Luz Soriano, n.º 28, séde propria do «Diario de Lisboa», onde passarão tambem a ser feitos os serviços de redacção e todos os outros logo que estejam concluidas as obras a que se está procedendo no predio.

Além-mar

A viagem do alto comissario da provincia de Angola

O alto comissario de Angola vai enviar ao ministerio das colonias um circunstanciado relatorio ácerca da sua visita ao interior da provincia e especificando as medidas que pretende desde já adotar em beneficio das regiões que visitou para o seu desenvolvimento.

O governador de Cabo Verde dispensa a canhoneira "Bengo"

O governador de Cabo Verde informa que a canhoneira «Bengo», ali em serviço, pode ser dispensada de ali permanecer, o que traz uma grande economia para a mesma provincia.

Funcionario requisitado

O governador da Guiné requisitou o 1.º oficial aduaneiro da metropole, José Gomes, para ir em comissão prestar serviço na alfandega daquela provincia.

Pedido de valores selados

O governador da India pede com urgencia grand numero de valores selados.

DIARIO DE LISBOA

Vende-se, na Figueira da Foz, na tabacaria Malafaya.

AS NOSSAS ARTISTAS

Ester Leão

A sua arte, a sua emoção, o seu sentimento, a sua vida e as suas obras

Como interpretaria o teatro de Ibsen e de D'Annunzio

O "Diario de Lisboa" é recebido em casa da inteligente actriz

Ester Leão é um desenho de Ochoa estilizando um soneto de Ruben Dario. Magra, colo perfeito, num vôo de ogiva, rosto tocado duma delicadeza estranha onde a alma é toda núa, olhos de sombra e de noite, o cabelo um derrame artistico sobre as faces, um pouco á rapaz. Pinta-se levemente, disse, no fim da entrevista. Duas pinceladas de *rouge* nos labios, outra a avivar a côr do rosto.

—Quere muita luz? Apaguemos então esta lampada, sim?

A sala envolveu-se em penumbra. Em frente, por uma porta aberta, um piano, uma mesa com livros um espelho de Veneza. Na sala, por aqui e ali, muitas almofadas: vermelhas, de chita de Alcobaça, franjadas de oiro. Ao fundo, quasi deitado, num «divan», leito sangrento, um rosto conhecido. Pelas paredes, espelhos ainda, uma fotografia: Ester Leão com o seu «dog» de três mil francos; continuam as almofadas, três mesinhas Luís XVI, um «fauteuil», o unico, onde nos sentamos.

Ester busca o seu lugar predileto. A penumbra põe no seu rosto uma sombra maior que a engrandece e exalta. E a sua voz entra de ouvir-se, adormecendo os sentidos, hipnotica, envolta em veludo. A sua alma dá-se toda na sua palavra. E' um ritmo longiquo, esquecido, que vem do passado como uma evocação triste.

Ester Leão
(Cliché Bobone)

Ao entrar na entrevista tem uma atitude de frio, esquissa um medo infantil:

—Você, é terrivel!

—Mas oiça, Ester: nós vamos conversar como dois bons amigos; apenas, cinco minutos de dialogo, para não a roubarmos á contemplação dos leitores. O seu retrato é tão bonito!

Um protesto.

—Começa aqui a entrevista?

—Não! Começamos a conversar um pouco. A Ester não tem passado, sete anos de vida de teatro sem continuidade... Falemos um pouco de si, quere?

—Sim.

—A entrada no teatro...

—Desde pequena que me senti atraída; em casa, fazia pequeninos papeis...

—Qual é a sua ambição?

—Representar teatro Ibsen... A *Dama do Mar*, conhece?

—Engana-se talvez, Ester. Os seus nervos, a sua emoção estranha...

A actriz falava já sem receio. Na sombra, a sua mascara, tinha uma opalescencia de nacar. E foi com um gesto lindo, dedos entre-abertos numa corola de cinco petalas, que ela criou logo um mundo de pensamentos.

—Gosto muito de Ibsen, mas muito. Aquele teatro enevoado, misterioso por vezes, com uma luz irreal projectada no campo do pensamento prende-me toda. E o teatro italiano!... Oh! A *Filha de Jorio*...

—Mas qual prefere?

—Não sei.

—Então se ámanhã, em presença da sua festa artistica, tivesse que escolher...

—Não sei, repetiu.

—Lê muito?

—Muito. Conheço a literatura russa. E' tão estranha, o seu pensamento é tão diferente do nosso!

—Quais são as figuras que gosta mais de interpretar?

—Aquelas que têm uma vida interior intensa; que são todas exuberantes de sentimento...

Mas dizem que eu tenho nervos demais; que me apaixono... E é defeito, sabe?

—Já chorou em scena, sinceramente?

—Já... Sim, no *Assalto*, respondeu a actriz a alguem... Augusto Rosa gostava muito de mim. Em Coimbra, os estudantes atapetaram o chão com as suas capas, para nós passarmos, eu e o Rosa...—E para nós: —de que falamos?

Ester esquecera-se. Observámo-la. Teria que marcar a transição, a sua falta de memoria, com um gesto. O rosto inclinou-se; seus olhos foram maravilhosos de hesitação; a mão, numa graça intactil, percorreu a fronte, prendeu-se nos cabelos.

—Ah! sim! Se chorei? Sou muito apaixonada...

—E sentimental?

—Um pouco.

—A sua arte é feita para o publico ou para si?

—Para ambos. Tenho muita consideração pelo publico.

—Não é sincera, Ester. E' muito pessoal, para deixar arrastar a sua arte até á plateia.

E ela, muito verdadeira; a voz mais intensa, mais alta:

—Não! Não! Gosto muito do publico; amo-o.

—Um certo receio, em scena. Não negue; todas têm.

—Varío muito na interpretação da figu-

(Ver a continuação na 8.ª página)

OS TEATROS

Atraz do reposteiro

Continua a falar-se no teatro da Trindade... Diz-se que três empresarios o pretendem. O que mais probabilidades tem de o alcançar, afirmava-se ontem nos meios teatrais, é o actor Mendonça de Carvalho... Será ainda boato?

—Uma conhecida actriz, que está contratada para uma companhia de declamação, está traduzindo uma peça do francês.

—Deixou de fazer parte da companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho o actor Antonio Fonseca. Diz-se que este artista abandona por completo a carreira, continuando a tirar o curso de medicina, interrompido há alguns anos. Antonio Fonseca, antes de actor, foi critico teatral do «Jornal da Tarde».

—O nosso brilhante camarada sr. Avelino da Almeida não entrevistou a actriz Palmira Bastos, conforme se pode depreender da conversa que o *Diario de Lisboa* teve com a ilustre actriz; apenas lhe pediu, por carta, que concedesse a entrevista a um dos redactores do *Seculo* da noite.

—O verão correu bem para as companhias que andaram em «tournées». Uma que andou pelas ilhas trouxe de lucros, segundo nos dizem, vinte e dois contos.

—Já que falámos em dinheiro... A revista «Tic-Tac» que ha um mez e vinte e cinco dias se representa no Eden, fez já perto de cem contos de receita bruta.

—Carlos de Oliveira só partirá para as ilhas a 5 de novembro.

—Vai ser inaugurado em Santarem um novo teatro.

—Foi contratado para a companhia Maria Matos Mendonça de Carvalho o actor Salvador Braga.

—A fantasia «Pau de dois bicos», actualmente em ensaios pela companhia Nascimento Fernandes, para inauguração da epoca de inverno no Eden, tem vinte e oito numeros de musica.

—Realiza-se brevemente o casamento duma das nossas mais gentis actrizes de revista.

—Diz-se que será representada este inverno uma peça da medica Amelia Cardia, escrita o ano passado.

—Tem passado bastante incomodada a adoravel reliquia do nosso teatro, a actriz Ana Pereira.

Reclames

S. LUIS—Repete-se esta noite a aplaudida revista «De capote e lenço», em penultimo espectaculo. A'manhã efectua-se a récita de homenagem a Macedo e Brito.

POLITEAMA—Está fazendo as suas despedidas a interessantissima e sempre aplaudida opereta «O João Ratão».

EDEN—Toda a Lisboa canta já o fado da «Triste Feia», da revista «Tic-Tac», e que Zulmira Miranda desempenha primorosamente.

APOLO—Quem não aproveitar até domingo não mais ouvirá os lindos fados e canções do «Burro em pé».

AVENIDA—No proximo sabado inaugura-se a temporada de inverno neste teatro, com a opereta «Flores da Noite», pela companhia Satanela-Amarante.

Espectaculos

S. CARLOS—Fechado.
NACIONAL—Fechado.
S. LUIZ—A's 21,30—«De capote e lenço».
GIMNASIO—Fechado.
AVENIDA—Fechado.
APOLO—A's 21,30—«O burro em pé».
POLITEAMA—A's 21,15—«João Ratão».
EDEN—A's 20,30 e 22,30—«Tic-tac».

OLIMPIA—Animatografo e concerto.
CINEMA CONDES—Animatografo e concerto.
SALÃO FOZ—Animatografo e variedades.
GIL VICENTE—A's 21—«A Martir»
COLISEU DOS RECREIOS—Fechado.

Casa Pia de Lisboa

Visita do ministro do trabalho

O sr. ministro do Trabalho visitou hoje, pelas 11 horas, a Casa Pia de Lisboa, a fim de verificar das necessidades daquele estabelecimento, especialmente depois dos estragos que sofreu por ocasião dos ultimos temporaes. O sr. Lima Duque, que foi acompanhado na sua visita pelo director da Casa Pia, sr. dr. Costa Ferreira e pelos sub-directores, Alfredo Soares e tenente-coronel Luiz Borges da Camara Leme, chefe interino da Repartição do Economato, sr. Francisco Joaquim Alves e pelo professor sr. Henrique Vaz, percorreu todas as dependencias onde havia estragos, prometendo mandar reparál-os com a necessária urgencia.

Calcula-se em vinte contos, aproximadamente, a importancia a gastar com as reparações.

ELECTRICIDADE PORTATIL
Luzes de bolso!!!

Lampadas de algibeira, bastões, tarches, lanternas para trazer na mão, pilhas, baterias.
EFEITO SURPREENDENTE!
Descontos aos revendedores
Remete-se para a provincia
CASA TRIUNFO
R. Augusta, 72, 74
LISBOA

PROVINCIAS

Em Obidos

A chuva

Obidos, 26

Ha dez dias que tem chovido e trovejado a valer; os campos já mostram melhor aspecto. As vindimas continuam com grande azafama, constando-nos que o vinho será de bela qualidade, pena é este não valer mais dinheiro.

A feira anual

No dia 3 do proximo mês de outubro, realisa-se no logar de Vau, deste concelho, uma grandiosa feira anual, de gados bovino, suino, cavalar e outros, bem assim como madeiras, etc.

Em Monção

Trovoada

Monção, 25

Na tarde de ontem pairou sobre esta vila uma forte trovoada, caindo uma faisca numa casa dos suburbios desta vila; por não estarem ali os seus moradores, não houve desastre a lamentar. Os prejuisos são pequenos.

Vindimas

Estão concluidas as vindimas neste concelho. A colheita foi abundante e já se realisaram algumas vendas ao preço de 200$00 cada pipa de 480 litros.

Falecimento

Em Penso, de Melgaço, faleceu o sr. Maximiano Fernandes Pereira, cunhado do sr. Antonio José Peixoto, de Valadares.

Em Santarem

As trovoadas

Santarem, 25

Pelas 17 horas de hoje, desencadeou-se sobre esta cidade uma trovoada enorme, chovendo por tal forma que as ruas se inundaram por completo, impedindo o transito. Durante uma hora a chuva, em catadupas, tudo alagou e, dada a sua impetuosidade, deve ter causado graves prejuizos nos olivedos e nas vinhas.

Não temos conhecimento de desastres pessoais.

O mercado mensal

O mercado mensal, que hoje se realizou, esteve pouco concorrido, desfazendo-se inteiramente com a trovoada.

Para as corridas da feira anual da Piedade e que se realizam nos dias 9 e 10 de outubro proximo, está-se organizando um bom elenco de artistas, constando-nos que os touros são oferecidos pelos lavradores srs. Emilio Infante e João Coimbra.

Em Ovar

Falecimento

Ovar, 26

Faleceu a sr.ª D. Joana Gomes Dias Huet de Bacelar, esposa do sr. dr. Gonçalo Huet de Bacelar.

Um novo barco de recreio

Foi ha dias lançado á agua, na ria, um barco do sr. Francisco Ramada. E' destinado á caça na ria, onde o seu proprietario costuma reunir, durante alguns dias, os seus amigos mais intimos. E' o primeiro no genero e tem despertado muita curiosidade. Mede 20 metros de comprimento por 5 de largo.

A praia do Furadouro

A praia do Furadouro está animadissima, havendo constantes «pic-nics» e «chás» á beira-mar. Fez-se a «festa da flôr», cujo produto atinge já 1.800$00, dos quais 30 p. p. são destinados á Misericordia.

O jogo

A guarda republicana assaltou naquela praia uma casa de jogo, apreendendo uma roleta, 180$00 em dinheiro, fichas, mobilias, etc. e prendendo os «croupiers».

Concurso

Já está aberto o concurso para o fornecimento de materiais para a construção do novo hospital da Misericordia, da qual depende a instalação, no actual edificio, de uma creche-asilo-escola.

DIA RELIGIOSO

AMANHÃ, 29:

Resa-se da dedicação do beato S. Miguel Arcanjo. Duplex, 1.ª classe. Paramentos brancos. Missa propria. Credo.

—Lausperene na igreja dos Anjos.

—Festividades:

Sé, ás 11 horas, côro; ás 12, missa e vesperas.

S. Roque, ás 8-30, missa.

Anjos, ás 12, festa a S. Miguel, com missa solene, por musica, orando o rev. Vacondeus; ás 18, sermão, sendo orador o rev. dr. Pereira dos Reis, e «Te-Deum», por musica.

Sacramento, ás 11-30, festa a S. Miguel, com missa solene, por musica.

Corpo Santo, ás 19, terço e benção.

Ordem Terceira de S. Francisco da Cidade, ás 8-30, novena a S. Francisco, por musica.

PIQUETE NOCTURNO DE ELECTRICISTAS
CHAMADAS URGENTES
Sucursal de «O SECULO» (Rocio)
Telefone, 2:429 C. Pessoal da CASA RUB

Todas as questões de advocacia e procuradoria se tratam no
ESCRIPTORIO FORENSE
R. do Carmo, 35, 2.º
N.º TELEFONICO: 4:233 — C.

Grande Café de Italia
DÉJEUNERS
A' PRIX FIXE ET A' LA CARTE
Esmerado serviço de chá,
:-: chocolate e torradas :-:
Rua 1.º de Dezembro

OBESIDADE
Tratamento pelos agentes fisicos
ESTORIL — TERMAS

Professor de Matematica e Fisica
Cursos superiores. Liceu, todas as classes
Informações na direcção dêste jornal

Termas das Caldas de Canavezes
(A 2 quilometros da estação da Livração, Caldas de Canavezes, na linha do Douro)
CONDUÇAO ÁS TERMAS EM AUTOMOVEIS
As mais ricas da peninsula em arsenio e as unicas aguas sulfurosas arsenicais do país para tratamento das doenças de pele, bronquites, laringites, sifilis, reumatismo, gôta, etc.
ABERTO DE 1 DE JUNHO A 15 DE OUTUBRO
Inhalações, pulverizações, douches nasais, irrigações e fricções—Banhos de imersão e douches—Grande Hotel—Parque, casino, mata e passeios no rio—Excelente de vistas deslumbrantes—Iluminação electrica—TRATAMENTO—DESCANÇO—TURISMO.
Endereço telegrafico — CALVEZES-MARCO
Escritorios: Nas termas. Em Lisboa — R. de S. Nicolau, 88, 2.º

COMPANHIA DE SEGUROS LUSO-BRASILEIRA
"SAGRES"
Autorizada por portaria n.º 892, do Governo Português
Capital emitido Esc. 2.000.000
Capital realizado Esc. 700.000
SEDE SOCIAL Rua Aurea, 191 LISBOA
Telef. Exped. C.2.961 Direcção C-2.657
Teleg. SEGURAGRES
Representantes no Brasil Soto Mayor & C.ª
Filial no Rio de Janeiro R. 1.º de Março, 61-1º
Banqueiros: Pinto & Sotto Mayor
Seguros terrestres e maritimos, seguros de guerra, seguros agricolas, seguros postais
Delegado no Porto Pinto & Sotto Mayor
Agentes em todo o país
Agente Geral em Espanha CARLOS SANCHEZ CUTILLAS Alcalá, 4—MADRID

N.º 19 — Folhetim do DIARIO DE LISBOA — 28-8-921

INTIBAH
OU
As Aventuras D'Ali Bey
POR
KEMAL BEY

A sua espectativa foi tão penosa e o tempo decorria tão lento, que começava a preferir as terriveis noites que passara, a êste novo suplicio. Quanto a Mehpeyker, graças á sua inteligência diabolica, como previra que êle devia saber toda a verdade da sua vida, desde o incidente com Messoud Effendi, tomou logo todas as medidas contra a tempestade que viria a ameaçá-la.

Como complemento das suas precauções, adiantara uma meia hora o seu passeio habitual a Tchamlidja. Emquanto Ali Bey continuava a consultar o seu relogio com desespero, desolando-se por ver que teria de esperar ainda uns quarenta minutos, a equipagem de Mehpeyker apareceu de repente. Aguardando nervosissimo a sua aproximação, êle ia forjando preambulos convincentes e censuras bem molestas. O seu espirito, com a rapidês do relampago, encontrou nalguns minutos mil especies de reprimendas. A maior delas, porêm, não lhe agradou: modificou umas e quiz dar a outras uma forma mais severa.

A muito custo, chegou a fixar algumas na sua memoria, emquanto Mehpeyker se apeava e se dirigia para êle. Ela trazia um vestido branco bordado de botões de rosa da mesma côr e a sua fronte era ornada de dois alfinetes em forma de estrelas, com uma flôr branca de goiveiro na fita que cingia os seus cabelos. Ostentava um magnifico colar de perolas com um diamante no meio. O seu «feradjé», as suas luvas e as suas botinas eram da mesma côr do vestido. Resplandecia de beleza nesta *toilette* branca e a sua figura, que respirava a convicção e a alegria de uma vitória segura, tomara uma coloração brilhante e suave; a sua fisionomia e a sua maneira de andar assemelhavam-se a um sol primaveril que não poude emergir ainda dos afagos da aurora. Ao vê-la, Ali Bey fica na incerteza da luta que se travava no seu coração entre o amor e a colera e, não podendo recordar nenhuma silaba das frases que preparou, não se atreveu a proferir mais que esta inocente censura:

—«Eu não esperava que assim me enganasse».

Mehpeyker, que não era bastante ingenua para atiçar, com preguntas ficticias e demonstrações mentirosas, o fogo da colera que se escondia sob as cinzas do silencio, falou com um tom de familiaridade e franquesa notaveis:

— Decifrou o seu segredo, não é verdade? Isso não tem importancia, porque cêdo ou tarde assim tinha de ser. O que o senhor não imagina é que eu tenha a coragem de lhe dizer a verdade toda a meu respeito. Mas, consulte o seu coração, como é que uma pessoa pode comunicar tão prontamente um segredo e de natureza a inspirar tanto desgôsto, tanta vergonha? Visto que já sabe tudo, posso falar sem rebuço. Sim, meu querido, é até possivel que não lhe hajam dito de mim todo o mal que mereço! Nasci e cresci num meio vicioso. Antes de chegar á idade de treze anos, os meus pais venderam a minha honra, sob o pretexto de me enriquecerem.

Uma criança da minha idade, conseguiria, porventura, adivinhar o que é a virtude, o mundo e como se há de proteger contra o perigo?

Uma vez nesta via, é como se andassemos sobre areias movediças. Cada esfôrço que fazemos para nos libertarmos, serve para nos enterrar mais profundamente. Tinha de ser vitima da má estrela que me guiava. Há poucas coisas no mundo que eu não tenha feito. Até o dia que o vi, a vida consistia para mim em divertir-me e reunir-me a gente alegre. Não admitia mesmo a existencia do que se chama amor. Quando as minhas companheiras me diziam que mulheres como nós podiam amar tambem — que as nossas paixões eram mais violentas que as das senhoras honestas, eu ria-me. Constato agora que elas tinham razão. Quando o vi, experimentei um sentimento até então desconhecido para mim. O primeiro olhar que lancei para o seu rosto elevou o meu coração, como o orvalho que se evapora nos ares aos primeiros raios do sol. Tentei lançar um olhar sobre o meu passado, mas senti-me envergonhada.

(*Continua*).

NO ESTRANGEIRO

UMA NOTA IMPORTANTE

A POLICIA ALEMÃ SÓ PODERÁ TER CENTO E CINCOENTA MIL HOMENS

As decisões e as disposições do tratado de Versailles relativas á questão do desarmamento

DEVE PROCEDER-SE Á DESCENTRALIZAÇÃO E Á DESMILITARIZAÇÃO

BERLIM, 28

O gabinete alemão recebeu uma nota da comissão inter-allada militar de fiscalisação lembrando que segundo as decisões da conferencia de Boulogne a policia alemã podia ter 150 mil homens, mas com a condição de não ter qualquer organisação central, o que lhe daria um aspecto militar que ela não póde ter. A organisação actual seria contraria a essas decisões e ás disposições do tratado de Versailles relativas ao desarmamento. A nota pede que se proceda imediamente á descentralisação e á desmilitarisação. Na Alemanha receia-se que a França aproveite o pretexto das organisações de policia para manter as sanções.—(U. P.)

Os grevistas ocupam as fabricas de tinturaria de Hoechst

BERLIM, 28

As fabricas de tinturaria de Hoechst foram ocupadas pelos grevistas. Os operarios que professam ideias comunistas estabeleceram uma rigorosa guarda em redor do edificio, não permitindo sequer a entrada ai dos managers. Estão no mesmo estado as outras fabricas de produtos quimicos das proximidades de Hoechst.—(U. P.)

A CRISE MUNDIAL

O cambio baixa consideravelmente na Romenia

A opinião de Take Jonesco

PARIS, 28.

Tem havido uma grande baixa no cambio na Romenia. Take Jonesco diz que esta baixa é inexplicavel porque a emissão da circulação fiduciaria não aumentou e a balança comercial revela exportações muito superiores ás do ano passado, tendo sido as colheitas muito satisfatorias na Romenia, havendo uma disponibilidade de milho de 2 milhões e quinhentas mil toneladas. As disponibilidades em madeira e em petroleo são muito grandes, dizendo o sr. Take Jonesco que a baixa de Lei não obedece a qualquer razão economica. O governo romeno e o governo suisso concluiram um acôrdo segundo o qual a Suissa poria á disposição da Romenia um crédito de quarenta milhões de francos suissos reembolsaveis em cereais, cujas entregas começariam a ser feitas proximamente. — (R.).

Os direitos de importação na Turquia

CONSTANTINOPLA, 28.

Um decreto de lei, datado de 11 de setembro de 1921, acaba de ser publicado ácerca dos direitos de importação. Estipula que, até ao restabelecimento da paz, será percebido sobre todos os objectos importados em todas as zonas alfandegarias do imperio otomano um direito de importação de 11 por cento sobre o valor dos ditos objectos. Para este efeito, o valor dos objectos será fixado por uma comissão composta em parte de funcionarios e em parte de comerciantes. — (R.).

NEURASTENIA
Hidroterapia—Electroterapia
ESTORIL—TERMAS

O TURISMO EM VENESA

UM RETRATO DE ANATOLE FRANCE PINTADO POR VAN DONGEN NUM CORÊTO

Em que se diz como o pintor foi descido do seu improvisado "atelier" por oito soldados e seis bombeiros

O mez de Setembro é o mez em que os francezes vão visitar Veneza; é o mez em que os alemães abandonam a cidade construida sobre as lagunas do Adriático, e em que os guias deixam de dizer Venedig para começarem a dizer Vénise.

Há muita gente, sobretudo gente *elegante*, que visita os lugares belos da Terra porque é chic e de bom tom ter estado nos lugares célebres, e porque seria vergonha dizer «nunca lá estive», passam os dias de permanencia obrigada pelo catecismo do mundanismo e da falta de espirito entre a saleta e o quarto do hotel. Confessam depois isto mesmo, com uma apoteose e ar de superioridade, que faz pensar a muitos de pé descalço, que é realmente uma grande coisa não ter vintem mas ter olhos para vêr e alma para sentir a natureza e a arte.

Dizia um principe de Kapurthala:

—Conheço de Veneza a praça de S. Marcos. Nem quero chegar a vêr o Canal Grande, porque me faria lembrar o Ganges e me daria a nostalgia... Vou do hotel para a roleta, onde já perdi um milhão. Comprei todas as vistas de Veneza e vê-las-hei no comboio... O peor para Veneza é que há muita gente da sociedade que faz como eu.

Que ingenuidade! O peor para Veneza! E' qué há muita gente que não é da sociedade; poder-se-ia mesmo voltar esta frase de maneira a demonstrar-se que o facto de se ser da sociedade não é bem a mesma coisa que ser gente, mas que uma coisa não implica nem exclue a outra. Logo, apezar da pena do principe gangetico, podemos afirmar-lhe que Veneza passa bem sem que os lugares, famosos pela beleza, sejam visitados pelo sangue azul que perde milhões na roleta, o que seja dito de pasagem não foi até hoje considerado como brazão nobiliárquico.

Há por lá muita gente e nesta época aparecem os antiquários notaveis, como Seligman e Lafaure, a quem os cicerones querem dar lições na sua lenga-lenga gramofónica, decorada um dia e repetida depois diáriamente centos de vezes, com o pensamento, talvez, nas belas melancias que vão comprar com o produto do seu oficio como as velhotas a cabecear, vão balbuciando e passando lentamente por entre os dedos as contas do rosário, sem pensamento sequer. E além dos antiquários passam por lá os poetas e os artistas, de cabeça descoberta e cabelos ao vento, como «lord» Byron. Entre estes, notaremos Van Dongen, o celebérrimo pintor do retrato de Anatole France, que os amigos deste consideram tão ofensivo para o grande escritor—não sabemos se no que respeita á sua beleza—como Cecil Sorel considerou a caricatura de Bib. Parece que Anatole não atirou ao retrato com um elegante saco de mão—não usa é claro—nem sequer com a carteira, o que seria realmente muito mal entendido, mas supõe-se que tendo aceitado delicadamente contrafeito a oferta do pintor, com uma profunda dôr de amôr próprio, o foi colocar no quarto de banho a fim de que os vapores da água quente o favorecessem...

Van Dongen, Kies Van Dongen, percorre as ruas de Veneza quási descalço, em cabelo, com umas calças de veludo e uma bluza de marinheiro, cachimbo e barba. Este trajo notável, a sua obra mais notável, ao que parece, juntamente com o retrato eterno de Anatole, serve-lhe para passear pela cidade e para ir aos bailes e ás recepções.

E foi ainda com este mesmo fato que o pintor foi um dia destes até á praça de S. Marcos, onde visitou um corêto que podia servir-lhe singularmente para instalar o seu cavalete enormissimo. Analizado o lugar e convicto de que não havia errado os cálculos, trepou, ajoujado, até ao alto, abriu o grande cavalete, colocou-lhe em cima um quadro, egualmente grande, piscou os olhos, olhou em volta, e disse:

—Que rico «atelier»!

Depois abriu muito os olhos, que se viu serem côr de faiança azul da Holanda, e começou atirando a tinta sobre a téla com o gesto largo dos genios.

Da ponta da larga brocha molhada em azul da Prussia, viu-se ir surgindo, na téla branca, um angulo do palácio dos Doges; e sucessivamente foram aparecendo nela três marinheiros vestidos de branco, duas senhoras com cabelos encarnados e um pombo verde, não sabemos bem porquê.

Na altura em que a sua faina o levava a cobrir no quadro o angulo da direita, apareceu a musica, aproximou-se o mestre delicadamente, e desta sorte se exprimiu:

—Saberá V. Ex.ª que apezar da minha desolação e da beleza da sua obra, é V. Ex.ª obrigado a ceder-nos o lugar.

Ao que Van Dongen retorquiu:

—Espere um bocadinho...!

—Não posso, estamos na hora...

—Então, venham cá para cima. Não me incomodam nada.

—Mas o senhor é que nos vae incomodar. Ainda se o quadro fôsse pequeno...

—Mas é que o senhor vae-me já a aborrecer. Primeiro cheguei eu, não é verdade?

E Van Dongen ia pintando, pintando, ao mesmo tempo salpicava com as tintas o brilhante uniforme do chefe da musica. Este, ao fim dum quarto de hora de inutil discussão e em que as suas frases, chapeu e uniforme—qual novo quadro!—iam fazendo concurso ao primitivo, foi buscar oito soldados e seis bombeiros.

E deante da enorme multidão que rodeava o corêto, disfrutando a scena, o retratista de Anatole foi içado com o seu quadro e pouzado no chão cuidadosamente.

—Não se apoquente, gritava-lhe um bombeiro. Fômos nós que fizemos a mudança a Veroneso!

—Mim não conhecer Veroneso, resmungou Van Dongen.

Por fim embarcaram-no com o inseparavel quadro para a esquadra de policia, e a multidão começou a cantar *Abat-jour*, um «fox-trot» que ninguem dança e que todos cantam ou assobiam.

Um francez, Georges Michel, e Brumatt, um poeta italiano, conseguiram pô-lo na rua. Vinha um tanto ou quanto envergonhado, pois segundo o costume das prisões em Veneza, tinham-lhe rasgado as calças. E como ele, no próprio dizer, não era objecto de antiguidades...

Foram comprar-lhe umas calças a uma loja próxima; enfiou-as e ficou contente.

Não imaginem, porém, que a história acaba aqui; é possivel até que tenha continuação, como os folhetins, pois para grande admiração de todos que o souberem, Van Dongen no dia seguinte ao da libertação, agarrou no quadro, voltou a S. Marcos, trepou ao corêto e instalou-se a pintar. Naquele dia não havia musica; assim, poderia trabalhar, se não fôssem os curiosos que cantavam *Abat-jour* e preguntavam o preço do quadro.

—Uma lira, respondia. Mas tenho de o acabar, em Paris, com outra luz... Olhe quer fazer como Francisco I?

—???

—Apanhe-me esse pincel que me caiu.

A partir do proximo dia 1 de outubro a administração do nosso jornal ficará instalada na rua Luz Soriano, n.º 28, séde propria do «Diario de Lisboa», onde passarão tambem a ser feitos os serviços de redacção e todos os outros logo que estejam concluidas as obras a que se está procedendo no predio.

A CAMPANHA DE MARROCOS

A POSIÇÃO DE NADOR CONTINUA A SER ALVO DA ARTILHARIA INIMIGA

A acção dos navios de guerra O fogo rebelde não faz estragos—Ataque a um "blockaus"

OS MOUROS ESTÃO CONCENTRADOS EM MONTE AFRAN E LENGANGAN

MELILLA, 28

Os canhões mouros colocados em Ardui e no Gurugú dispararam sobre Nador.

O fogo inimigo não causou dano ás nossas posições nem fez feridos entre as nossas tropas. Os navios de guerra espanhois disparam sobre os canhões mouros de Ardui, reduzindo-os ao silencio. Supõe-se que ficaram inutilisados.

— Proximo de Nador foi atacado um blockaus pelos mouros, que foram repelidos, fugindo em desordem.

— Parece que os rebeldes se estão concentrando em Monte Afrau e Sengangan. — (U. P.)

O couraçado "Alfonso XIII" lançou sobre o inimigo 467 granadas

MADRID, 28.

O comandante geral da esquadra comunicou ao ministro da guerra que saiu ao amanhecer com o couraçado «Alfonso XIII», levando a bordo o alto comissario, para cooperar na protecção do comboio de abastecimentos que se dirigia a Garret Alssa, que foi atacado pelo inimigo, tendo o navio lançado contra êle quatrocentas e sessenta e sete granadas, tendo regressado a Melilla sem novidade, ao amanhecer. — (R.).

As obras do Cabo de Malaga a Melilla

MADRID, 28.

A «Gaceta Oficial» publica um decreto concedendo dois milhões de pesetas para as obras do Cabo de Malaga a Melilla, mais vinte milhões de pesetas para despesas em Marrocos e para remonta, e mais quatro milhões de pesetas para a Escola de Hidro Aviação da marinha de guerra. — (R.).

Os mouros fazem comunicações por meio de espelhos?

MELILLA, 28.

Há alguns dias que se nota, depois da tomada de Nador, que os mouros comunicam entre si por meio de grandes espelhos, pretendendo assim imitar os nossos heliografos. — (U. P.).

Um português vai alistar-se na legião estrangeira?

CADIZ, 28.

Procedente de Cuba e do Mexico, chegou o transatlantico «Antonio Lopez», trazendo 77 espanhois, 2 americanos, 10 cubanos, 1 venezuelano, 2 italianos, 1 português, 3 mexicanos e 1 argentino, que se vêem alistar na Legião Estrangeira, que combate em Marrocos. — (U. P.).

A GUERRA NO ORIENTE

Os turcos ocuparam Eski-Chehr

PARIS, 28.

Os nacionalistas turcos ocuparam Eski Chehr. Os gregos pretendem que se retiraram em ordem perfeita, sem serem perseguidos. Dizem de Atenas que o presidente do conselho, acompanhado do ministro dos negocios estrangeiros, irá a Londres. O sr. Gounaris declarou á imprensa que a organização dos territorios ocupados na Asia Menor não tomaria o caracter de uma anexação.—(R.)

AS NOSSAS ARTISTAS

A entrevista com a actriz Ester Leão

(Continuação da 5.ª pagina)

ra. A's vezes duma maneira; outras, completamente diferente.

—Não estuda os papeis?

—Estudo! O gesto, a inflexão, a mascara. Mas os meus nervos! Um dia sinto-me percorrida por outro eu, tão estranho! Vario então tudo: a atitude, a côr da palavra...

—Você, é bisarra!

—Não diga isso... Não sou «snob»... Então não repara como estou conversando comsigo?

E aquela voz cheia de doçura, penetrada de sentimentalismo, sem arestas; voz de misterio perfumada de noite, evocou ainda:

—Quando entro em scena, é sempre á vontade. Levo as minhas joias. Sem elas, já sou outra!

—Ainda os nervos, Ester!

—Se o publico está glacial com o autor, o que se reflecte sempre na actriz, sinto-me muito serena, disposta a lutar...

—E dando-se o contrario? Bom publico...

—Tenho medo, mesmo muito!

E os seus maravilhosos olhos, na sombra, viveram intensamente, alumiaram-se de graça infantil. Com donaire, o seu braço ergueu-se em curva; depois distendeu-se todo, como uma serpe. Na sala velada, que uma unica lampada electrica iluminava, a figura da actriz palpitou toda, percorrida por um fremito de emoção. Tinhamos-lhe pedido os titulos das suas peças:

—*Dans l'Ombre, Comme les Roses, A mesma dôr* e *Les enfants terribles.*

E muita modestia ao citá-las. Que estava lendo—disse—muito Camilo e um pouco de Eça.

—Porque sabe, confundo o francês com o português quando escrevo. A palavra não sái...

—Quando parte?

—Dentro em breve... já no dia 4 de outubro; vou com a Palmira Bastos para o Porto.

—Ester, acabou a entrevista. Está livre! Como viu, não fui cruel.

A actriz ergue-se, sorri-se e vai buscar as suas caixinhas antigas e os seus *bibelots.* «São as minhas paixões».

Longamente ouvimos ainda Ester Leão. Perpassavam agora recordações de Paris, Veneza, Turquia, Constantinopla... E a sua voz de encanto, transparente de emoção, alma nos labios, ilustrou curiosamente duas curtas horas. Tão tarde!... Tão tarde!... A sua voz vencia o tempo.

Artur Portela

Pela instrução

Nomeação de professores agregados dos liceus

Foram nomeados professores agregados dos liceus: do 1.º grupo, José Estevão Matos Junior; do 2.º, Justina Augusta Matos de Almeida e Manuel António Moraes das Neves; do 4.º e 5.º, Maria de Lourdes Dias do Amaral; do 6.º, João Carrington Simões Costa; do 8.º, Manuel Marques Esparteiro, e do 9.º, José Julio Marques Leitão de Barros.

Nomeação de inspectores escolares

Foram nomeados inspectores escolares interinos: de Arganil, José Marques Jorge; de Castelo Branco, José Ribeiro; de Tomar, Joaquim Cardoso Tavares; de Guimarães, Augusto Montes Guimarães; de Elvas, José Tomé Varela; de Montalegre, Augusto Peres Esteves.

Criação de escolas primarias

Foram creadas escolas primárias de ensino geral: em Rio Tinto, freguezia de Soza, concelho de Vagos, por transferencia do 2.º lugar da escola de Soza; na séde da freguezia de Murtoza, Aveiro, com 2 lugares de professor; em Touregas, freguezia de Brunheiro, Estarreja, e em Chiquedo, freguezia de Prazeres de Aljubarrota, Alcobaça, por transferencia da escola da Póvoa, freguezia de Coz, do mesmo concelho.

Antonio Preto Pacheco

O professor, aposentado, António Preto Pacheco, foi autorizado a regressar á actividade do serviço e colocado na sua antiga escola de Malpartida, concelho de Almeida.

INTERESSES COLONIAIS

O ORÇAMENTO GERAL DE ANGOLA PARA O ANO ECONOMICO DE 1921-22

Vai terminar o regime deficitario — As receitas cobrem as despesas — O que diz o relatorio do secretario Provincial de Finanças

O Alto Comissário em Angola, general sr. Norton de Matos, enviou já ao ministerio das Colónias o orçamento geral da provincia para o ano económico de 1921-1922. O orçamento é precedido de um decreto que fixa as receitas, ordinárias e extraordinárias, e dá conta das despezas—constituindo a dotação de cada serviço o crédito orçamental necessário para fazer face ás despezas de reorganização dos serviços da Provincia e ao pagamento dos encargos resultantes das operações de crédito já realizadas ou a realizar durante a gerencia do Alto Comissário.

As receitas ordinárias da Provincia de Angola são avaliadas em 22.507:000$00, e as receitas extraordinárias são calculadas em 31.000:000$00, sendo constituidas por empréstimos já contraidos ou a contrair, á medida que as exigencias das obras de fomento o justifiquem. Conseguiu o Alto Comissário que o orçamento deste ano não apresentasse *deficit*, extinguindo algumas unidades e estabelecimentos militares e reduzindo a quatro os inspectores das unidades militares.

Precede o orçamento um relatório elaborado pelo secretário provincial de finanças, sr. Ernesto Espregueira Goes Pinto, em que se diz que o orçamento geral da Provincia apresenta a previsão total de 53.507:000$00.

A receita ordinaria compreende:

Impostos directos	7:000.000$00
Sêlo e registo	700.000$00
Impostos indirectos	3:800.000$00
Bens proprios e diversos rendimentos	10:267.000$00
Compensações de despesa	700.000$00
Reposições	40.000$00
Soma	22:507.000$00

A despeza total da Provincia é orçada em 53.507:000$00, compreendendo a despeza ordinária as seguintes verbas:

Administração geral e fiscalização	244.000$00
Administração judicial	269.940$00
Serviços do Interior	3:140.800$00
Serviços de Obras Publicas, caminhos de ferro e minas	2:992.000$00
Serviços de Comercio, Industrias e Comunicações	1:276.200$00
Serviços de Finanças e Alfandegas	911.162$00
Serviços de Agricultura, Agrimensura, Terras e Pecuaria	714.000$00
Serviços de Colonização e Negocios Indigenas	132.200$00
Serviços Militares de Terra e Mar	5:644.148$44
Encargos gerais e diversas despesas, incluindo a amortização dos emprestimos	7:182.549$56
Soma	22:507.000$00

Assim, a despeza anual da Provincia, na qual estão incluidos os encargos dos empréstimos já realizados ou a realizar no corrente ano económico, faz-se pelas forças da receita ordinária, ficando as «Despezas extraordinárias», que representam—na sua quási totalidade—obras de fomento ou de colonização, para serem efectuadas por meio dos empréstimos já realizados ou que o Alto Comissário julgue conveniente realizar, nos termos da lei organica votada pelo Congresso. Nas despezas extraordinárias incluem-se tambem as verbas necessárias para o desenvolvimento, já na gerencia do general sr. Norton de Matos, de um largo plano de fomento, colonização e assistencia á população indigena, tanto na parte relativa á modificação dos seus costumes selvagens pela escola e pelo oficio, como tambem ao avigoramento da raça, pelas práticas higienicas e pelo combate *à outrance* da doença do sono.

Vê-se que o orçamento como reflexo que é da situação financeira da Provincia de Angola apresenta um resultado que dificilmente se consegue obter em paizes coloniaes. E' necessário vêr que a receita da ultima gerencia—1919-1920—foi avaliada em pouco mais de seis mil contos.

Acrescenta o relatório do secretário de finanças o seguinte, que nos parece interessante transcrever:

«Do ano corrente ainda se não podem saber os resultados, no entanto, os elementos já conhecidos garantem uma receita bastante superior á ultima cobrança, a qual, adicionada aos rendimentos dos serviços autónomos que passam, pela extinção do Conselho de Administração, a ser escriturados no orçamento da Provincia á medida que fôrem sendo cobrados, e ás receitas resultantes da legislação já publicada, asseguram a cobrança prevista no orçamento, o que tambem se deduz do exame do mapa dos rendimentos, onde se mostra a sua curva ascensional, que mais se acentuará com uma rigorosa fiscalização, regular e harmonicamente escrita, acompanhada de elementos estatisticos publicados mensalmente.

Analizando em detalhe as receitas ordinárias, nota-se o grande incremento do imposto indigena, não sendo, porém, a curva regular. E' proveniente do defeituoso sistema de, inicialmente, se arrecadar este imposto por operações de tesouraria, para depois se fazer a liquidação da parte que pertencia aos Fundos do Fomento e das circunscrições, ás camaras e comissões municipaes e a percentagem aos funcionários que intervêm na cobrança.»

O simples exame dos mapas que acompanham o orçamento, mostra que os rendimentos que aumentam mais são precisamente aqueles que representam taxas sobre a exportação. E' um indice seguro do desenvolvimento da Provincia, porque uma maior exportação corresponde a um maior desenvolvimento cultural do seu território. Tomemos para exemplo a exportação de ricinos, que em 1917 foi de 141 toneladas; em 1918, de 216 toneladas; em 1919, de 958 toneladas, e em 1920, de 1:392 toneladas. Os valores passaram de 5 contos a 343 contos.

Inscreve-se pela primeira vez, no orçamento da Provincia, o rendimento da exploração dos caminhos de ferro, passando a fazer-se a escrituração de toda a receita, a partir da gerencia do general sr. Norton de Matos, nas contas geraes da Provincia. O pagamento da despeza será todo feito pelas verbas inscritas no seu orçamento, o que não impede que se dê autonomia aos serviços que as necessidades de momento justifiquem.

Eliminou-se do orçamento a receita com que a metrópole e as outras colónias deviam concorrer para o sustento dos degredados e vadios. Nos mapas que acompanham o orçamento nota-se a inclusão de importancias escrituradas como subvenções da metrópole. Evidentemente, que a Provincia, tendo desde longos anos uma situação deficitária e não se tendo ainda efectivado o recurso ao crédito para o equilibrio orçamental, necessitaria que a metrópole a subvencionasse. O regime deficitário em que a Provincia tem vivido póde remediar-se com boas contas, boa fiscalização e uma rigorosa compensação de saldos devedores e crédores. Mas para ter boas contas é essencial que a Provincia tenha o seu orçamento em vigôr no principio da gerencia.

Inspecção do comercio de cambios

O decreto n.º 7.702

Os estabelecimentos bancarios até agora autorizados a transaccionar sobre cambiais, nos termos do decreto n.º 7.702, são os seguintes:

Antonio Casanovas Augustine, Limitada; Antonio Coimbra & Irmão, Limitada; Banco Colonial Português, Banco Comercial de Lisboa, Banco Economia Portuguesa, Banco Espirito Santo, Banco Industrial Português, Banco Lisboa & Açores, Banco do Minho, Banco Nacional Agricola, Banco Nacional Ultramarino, Banco de Portugal, Banco Português e Brasileiro, Borges & Irmão, Fonsecas, Santos & Viana, Henry Burnay & C.ª, Joaquim Alves de Oliveira, Sucessora & C.ª, José Henriques Tota, Limitada, Oliveira Rodrigues & C.ª, Pinol, Sousa Cruz, Limitada, Pinto & Sotto Mayor.

Bolsa de Lisboa

Dia 28

CAMBIOS

	Comprador	Vendedor
Libra sterlina	40$	45$
s|Londres cheque	6 13|16	6 11|16
» 90 d. v.	6 15|16	—
Rio s|Londres	8 3|8	—
s| Paris	669	682
s| Italia	389	396
s| Belgica	665	678
s| Suissa	1633	1662
s| Espanha	1230	1253
s| Berlim	80	90
s| Holanda	3022	3080
s| Nova York	944	962
Rio Brasil	—	—
T. Desc. Banco de Inglaterra	5 1|2	—
» » » » Portugal	7 1|2	—
Agio do ouro	—	—

COT. ESTRANGEIRAS

Madrid s|Paris	—
» s|Londres	28,64
» s|New-York	—
» s|Berlim	6,40
Paris s|Londres	52,62
» s|Madrid	—
» s|Genebra	—
» s|Berlim	—
Londres s|Paris	52,70
» s|Roma	90,50
» s|New-York	3,73
» s|Berlim	160
» Amsterdam	11,65
» s|Genebra	24,57
» s|Belgica	—
» s|Suecia	—
» s|Austria	—

O progresso da sciencia

Um concerto em Copenhague ouve-se em Berlim

BERLIM, 28.

A convite de Kermens Schuckert os jornalistas dinamarquezes e muitos técnicos electricistas ouviram em Lyngby, próximo de Copenhague, pela telefonia sem fios, um concêrto que se estava realizando em Koenyawastrase, próximo de Berlim. A experiencia teve extraordinário sucesso. —(R.)

O rei Alexandre da Servia

está melhor

PARIS, 28.

O estado de saude do rei Alexandre da Servia é muito mais satisfatório. O monarca já póde dar uns curtos passeios no parque de Versailles.—(R.)

A Alsacia-Lorena

Reviverá o velho conflito?

BERLIM, 28.

O conflito entre a França e a Alsácia Lorena ameaça tornar-se sério, devido a que a maioria dos alsacianos e dos lorenos não são francezes.—(R.)

Os cambios

Reunir-se há em Londres uma conferencia internacional para tratar desta questão

BERLIM, 28.

Reunir-se-há em Londres uma conferencia internacional, nos primeiros dias de Dezembro, para discutir várias questões cambiaes e o padrão-ouro.

Os banqueiros americanos, na sua reunião anual em Long Laland, discutirão nos primeiros dias de Outubro a questão da concessão de créditos á Europa.—(R.)

A viagem de Charlot

As suas impressões de Berlim

BERLIM, 28.

Charlie Chaplin, o conhecido Charlot, visitando Berlim, declarou aos jornalistas que esta cidade lhe faz lembrar New York, mas que o tinha surpreendido o estado de extraordinaria limpeza desta cidade. Disse mais que, viajando através a Alemanha, por toda a parte vira chaminés fumegantes e uma grande actividade, o que não constatara noutros paizes da Europa. — (R.).

A partir do proximo dia 1 de outubro a administração do nosso jornal ficará instalada na rua Luz Soriano, n.º 28, séde propria do «Diario de Lisboa», onde passarão tambem a ser feitos os serviços de redacção e todos os outros logo que estejam concluidas as obras a que se está procedendo no predio.